



Perfil, prevalência e fatores associados à infecção por HIV/AIDS em uma capital do norte brasileiro

Profile, prevalence and factors associated with HIV/AIDS infection in a northern Brazilian capital

Perfil, prevalencia y factores asociados a la infección por VIH/SIDA en una capital del norte de Brasil

Ronald Pinto Costa^{1*}, Wuelison Lelis de Oliveira¹, Emilly Marina Martins de Oliveira², Aline dos Anjos Farias², Kleber dos Anjos Farias², Ellen Victorya Gomes Ferreira³, Misdiã Brunielly Portela de Aguiar Ribeiro¹, Ana Paula Fonseca Barreto⁴, Suyane da Costa Oliveira¹.

RESUMO

Objetivo: Inventariar a prevalência e o perfil sociodemográfico dos casos notificados de HIV/AIDS no município de Porto Velho - Rondônia, entre os anos de 2010 a 2022. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo, que analisou dados secundários de notificações de indivíduos entre 15 e 24 anos, disponíveis na plataforma virtual do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), de acordo com o ano de notificação, o sexo e a escolaridade. **Resultados:** Das 418 notificações, a maior parcela foi composta pelo sexo masculino (77,51% dos casos). Verificou-se que 2014 foi o ano com a maior prevalência de casos. Em relação à escolaridade, para a população masculina houve predomínio entre aqueles que concluíram o ensino médio, ao passo que, para a parcela feminina, a prevalência foi maior para níveis de instrução inferiores. Observou-se, ainda, que as características sociodemográficas e comportamentais estão associadas às vulnerabilidades enfrentadas pela população jovem. **Conclusão:** O aumento da prevalência de HIV/AIDS entre jovens exige medidas que garantam não apenas a distribuição de insumos de prevenção, mas também a disseminação de informações, por meio das práticas contínuas de educação em saúde.

Palavras-chave: Adolescentes, Adultos Jovens, HIV, Vulnerabilidade em Saúde.

ABSTRACT

Objective: To inventory the prevalence and sociodemographic profile of reported cases of HIV/AIDS in Porto Velho - Rondônia, between the years 2010 and 2022. **Methods:** This is a cross-sectional, descriptive, and quantitative study, which analyzed secondary data of notifications from individuals between 15 and 24 years old, available on the virtual platform of the IT Department of the Brazilian Unified Health System (DATASUS), according to the year of notification, sex, and education. **Results:** Results: Of the 418 notifications, the largest portion was about males (77.51% of cases). 2014 was the year with the highest prevalence of cases. Regarding education, for the male population there was a predominance among those who completed secondary education, while, for the female population, the prevalence was higher for low levels of education. It

¹ Centro Universitário São Lucas (UNISL), Porto Velho - RO.

² Programa Mais Médicos, Ministério da Saúde – MS.

³ Centro Universitário de Maringá (Unicesumar), Maringá – PR.

⁴ Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília – DF.

was also observed that sociodemographic and behavioral characteristics are associated with the vulnerability of the young population. **Conclusion:** The increase in the prevalence of HIV/AIDS among young people requires measures that guarantee, in addition to the distribution of prevention inputs, the dissemination of information through continuous health education practices.

Keywords: Adolescents, Young Adults, HIV, Health Vulnerability.

RESUMEN

Objetivo: Inventariar la prevalencia y el perfil sociodemográfico de los casos notificados de VIH/SIDA en Porto Velho - Rondônia, entre los años 2010 y 2022. **Métodos:** Se trata de un estudio transversal, descriptivo y cuantitativo, que analizó datos secundarios de notificaciones de personas entre 15 y 24 años, disponible en la plataforma virtual del Departamento de Informática del Sistema Único de Salud de Brasil (DATASUS), según año de notificación, sexo y escolaridad. **Resultados:** De las 418 notificaciones, la mayor parte estuvo compuesta por hombres (77,51% de los casos). Se encontró que 2014 fue el año con mayor prevalencia de casos. En relación a la educación, para la población masculina hubo predominio entre quienes completaron la educación secundaria, mientras que, para la población femenina, la prevalencia fue mayor para los niveles educativos más bajos. También se observó que las características sociodemográficas y comportamentales están asociadas con la vulnerabilidad que enfrenta la población joven. **Conclusión:** El aumento de la prevalencia del VIH/SIDA entre los jóvenes requiere medidas para asegurar no sólo la distribución de insumos de prevención, sino también la difusión de información a través de prácticas de educación sanitaria continua.

Palabras clave: Adolescentes, Adultos Jóvenes, VIH, Vulnerabilidad en Salud.

INTRODUÇÃO

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) caracteriza-se por um conjunto de apresentações clínicas decorrentes do estágio avançado da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), agente patogênico responsável por atacar linfócitos TCD4+, células envolvidas na defesa do organismo (ADDISON MM, *et al.*, 2022). Dessa forma, a deficiência do sistema imunológico, resultante da infecção, repercute no aumento da suscetibilidade do hospedeiro a infecções por outros agentes etiológicos oportunistas, além de aumentar o risco do surgimento de neoplasias. Em relação ao seu caráter infectocontagioso, a transmissão do HIV ocorre por via sexual, parenteral e vertical (COSTA FCA, *et al.*, 2020).

Nacionalmente, a dinâmica atual de HIV/AIDS apresenta uma tendência de concentração em grupos específicos, com mudança de perfil para novas infecções entre adolescentes, adultos jovens e populações socioeconomicamente desfavoráveis, o que marca a juvenilização e pauperização da epidemia (FIALHO CB, *et al.*, 2023; DOURADO I, *et al.*, 2023).

Sendo assim, a prevalência de casos de HIV/AIDS entre jovens brasileiros está atrelada às vulnerabilidades presentes nessa parcela populacional. De forma geral, o aumento da probabilidade de contágio pelo vírus associa-se, sobretudo, às características sociais e comportamentais, tais como início à prática sexual sem instrução, relações sexuais com múltiplos parceiros, recusa ao uso de preservativos, uso de álcool e drogas ilícitas (DAMACENA GN, *et al.*, 2019; VIEIRA GN, *et al.*, 2021).

A nível mundial, há um progresso limitado na redução da incidência de HIV entre as populações-chave na maioria dos países. Em 2019, duas em cada sete novas infecções foram de pessoas com 15 a 24 anos, o que corrobora a vulnerabilidade em função da desigualdade de gênero, violência, pobreza, discriminação e programas de educação sexual insuficientes (UNAIDS, 2021). Nacionalmente, no que tange à realidade socioeconômica, o nível de escolaridade constitui-se como um importante marcador de diferença, posto que é observado um aumento dos casos em subgrupos de baixa escolaridade, característica associada à desigualdade social. Contudo, constata-se que homens com maior grau de escolaridade estão mais expostos a risco de infecção por HIV/AIDS se comparados aos homens de menor escolaridade. Enquanto entre a população feminina a situação contrária é observada, ou seja, mulheres com menor escolaridade apresentam maior suscetibilidade ao contágio (LEITE DS, 2020).

Além disso, observa-se que componentes sociodemográficos, como escolaridade, sexo e idade, detêm influência sobre a vulnerabilidade de indivíduos ao surgimento de novos casos, com destaque para a desigualdade de gênero, principalmente em parcelas populacionais socioeconomicamente desfavorecidas (BATISTA RM, *et al.*, 2021). Nesse sentido, a vulnerabilidade social expõe os indivíduos jovens a fatores agravantes de risco, como obstáculos de acesso à informação, dificuldades para o estabelecimento de práticas seguras, decorrentes do baixo nível de escolaridade, além do acesso inadequado aos serviços de saúde (SILVA CRL, *et al.*, 2017).

Com base no atual padrão epidemiológico, os jovens constituem uma população-alvo na proposição de medidas de promoção e prevenção para o HIV no Brasil e no mundo (SZWARCOWALD CL, *et al.*, 2022). Dessa forma, a presente pesquisa objetivou inventariar a prevalência de casos de notificações por HIV/AIDS associada às características socioeconômicas e vulnerabilidades da população de jovens do município de Porto Velho - RO.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo, que objetivou a análise de dados referentes aos casos de notificação de HIV/AIDS no município de Porto Velho - Rondônia, de acordo com a faixa etária de 15 a 24 anos. Diante disso, foram incluídas as seguintes informações: ano de notificação, idade, sexo e escolaridade. Os dados avaliados estendem-se no intervalo entre os anos de 2010 a 2022, com a finalidade de evidenciar o número de infecções associadas às características sociodemográficas e epidemiológicas da população. Ademais, foram excetuados a orientação sexual, o ano de diagnóstico e a raça/cor do público-alvo da pesquisa.

Como fonte de dados, foram utilizadas as notificações sobre HIV/AIDS provenientes do Sistema de Agravos de Notificação (SINAN), do Sistema de Controle de Exames Laboratoriais (SISCEL) e do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), ambos disponíveis no TABNET, domínio pertencente à plataforma virtual do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). A fim de melhor adequação à proposta do estudo e categorização das informações, os dados foram exportados do *software* TabWin e organizados no editor Microsoft Excel® 2016, para posterior análise e interpretação. Ademais, também foi feita estatística descritiva simples para a apresentação dos resultados, por meio do *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*).

Os dados utilizados são caracterizados como secundários e de domínio público, acessíveis por meio eletrônico. Sendo assim, não houve necessidade de consulta e apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a resolução 466/2012. Contudo, neste estudo, todas as informações foram analisadas com respeito às normas e aos fundamentos éticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil, verifica-se que os jovens de 15 a 24 anos representam significativa proporção nas novas infecções por HIV. Dados do Ministério da Saúde apontam que a faixa etária é responsável por cerca de 23,7% dos casos totais de infecções, sendo 25,2% e 19,9% do sexo feminino e masculino, respectivamente (BRASIL, 2022). Isso indica que as iniciativas de prevenção do poder público contra a infecção ainda não atingiram o resultado esperado para essa população específica, ainda que haja destaque do país frente à epidemia mundial, sobretudo pela distribuição gratuita de preservativos, terapia antirretroviral (TARV) e profilaxias pré e pós-exposição (PREP e PEP) pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (MONTEIRO APVB, *et al.*, 2019). Sendo assim, apesar da diminuição de morbimortalidade e da melhoria da qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV, os adolescentes e jovens adultos brasileiros não têm sido plenamente contemplados com as medidas de prevenção e tratamento fornecidas no âmbito governamental (PEREIRA GFM, *et al.*, 2019).

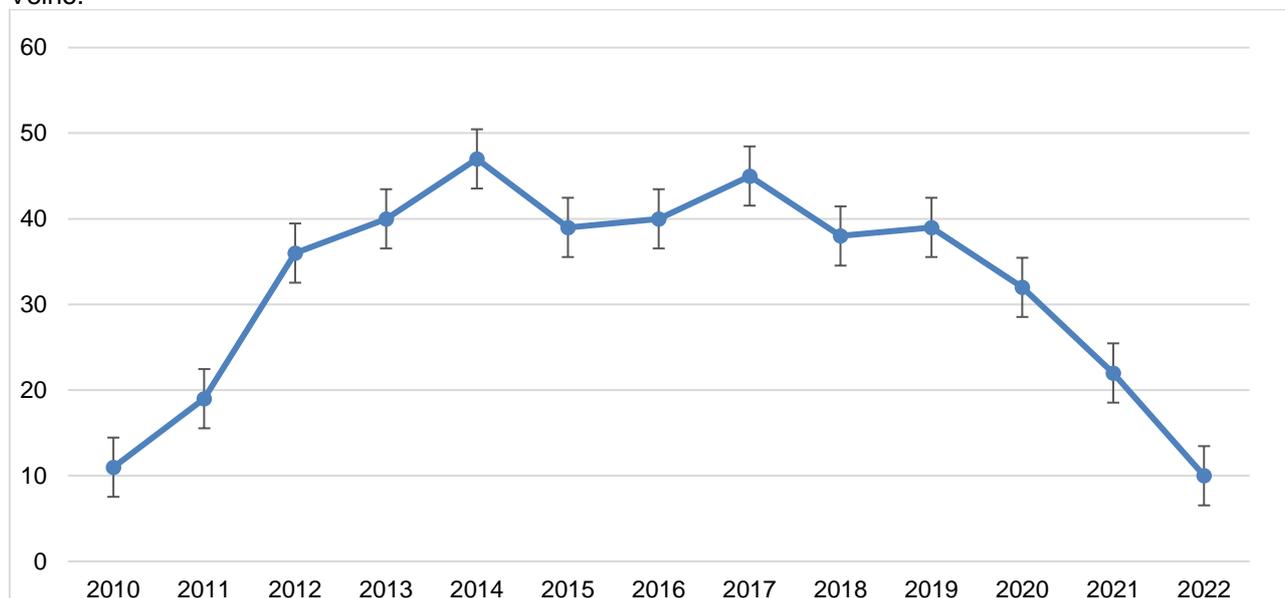
Estudos nacionais afirmam que, ao longo de cinco décadas de epidemia, as percepções sobre a infecção vêm sofrendo alterações, principalmente entre adolescentes e adultos jovens, o que pode resultar em

negligência no uso de insumos de prevenção. As concepções atuais indicam que as discussões sobre as formas de transmissão e a gravidade da doença não são suficientes e/ou frequentes como fontes de informação acessíveis e que ainda estão atrelados a estigmas históricos (KNAUTH DR e PILECCO FB, 2024). Além disso, o panorama contemporâneo da infecção perpassa por fatores socioeconômicos, sendo os níveis de instrução formal e a renda preditores para a busca e o acesso às informações sobre o risco de transmissão, às formas de prevenção e ao tratamento. Tal perspectiva explica a mortalidade em grupos populacionais socialmente vulneráveis (TRINDADE FF, *et al.*, 2019).

Ao longo do tempo, notou-se que o perfil epidemiológico da doença também foi alterado, estabelecendo vulnerabilidades relacionadas às características socioeconômicas e culturais de segmentos populacionais. Nesse sentido, constatou-se que a população de jovens vem mostrando aumento significativo na incidência da doença nas últimas décadas (DAMACENA GN, *et al.*, 2019; FIALHO CB, *et al.*, 2023). Diante disso, após análise de dados referentes a Porto Velho - RO, percebeu-se que o município acompanha o perfil nacional, especialmente quando se trata de predominância de novas infecções em indivíduos do sexo masculino (BRASIL, 2021).

Em Porto Velho, no período de 2010 a 2022, houve a notificação de 418 novos casos de infecção por HIV/AIDS em indivíduos com idades entre 15 e 24 anos, de acordo com dados extraídos do SINAN. Isso representa uma média anual de 32,2 notificações no município. Conforme os dados coletados, o ano de 2014 apresentou a maior prevalência (47 notificações) dentre os anos analisados, enquanto o ano de 2022 teve o menor número de casos (10 notificações) (**Gráfico 1**). Ademais, nota-se que houve redução das notificações em 2020 e anos subsequentes, contudo, é válido ressaltar que o decréscimo dos números a partir de 2020 pode estar associado à subnotificação de casos, em função da mobilização dos profissionais de saúde frente à pandemia de covid-19 (BRASIL, 2021).

Gráfico 1 – Distribuição dos casos de HIV/AIDS entre os anos de 2010 e 2022, no município de Porto Velho.



Fonte: Costa RP, *et al.*, 2024; dados extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), 2024.

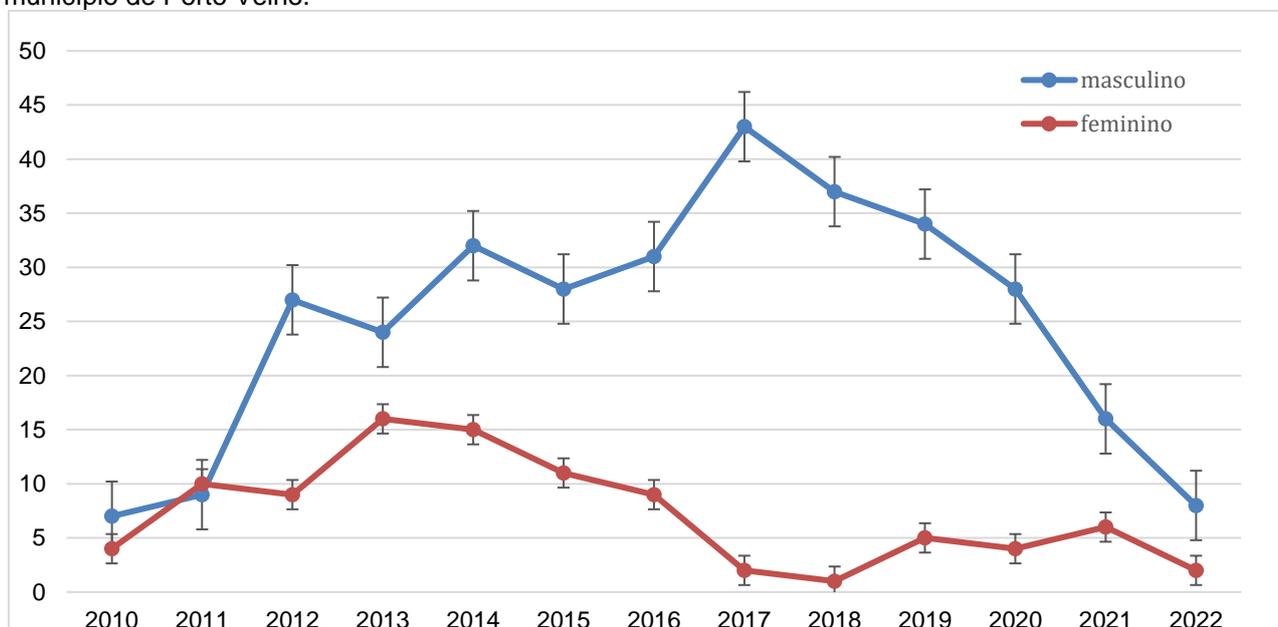
Nacionalmente, a epidemia de HIV/AIDS representa um expressivo problema de saúde pública, que resulta em perdas sociais e econômicas para as entidades governamentais. Em relação à prevalência, constatou-se que a população masculina brasileira tem concentrado a maioria dos casos de infecção pelo vírus, se comparada à feminina. Nessa análise, ainda que exista o fenômeno nacional de feminização do HIV/AIDS, a maior proporção dos casos registrados é proveniente do sexo masculino, para todas as faixas etárias (ARAÚJO DAM, *et al.*, 2021) Sendo assim, isso permite a proposição e o direcionamento de políticas públicas para a conscientização do público masculino quanto à adesão às práticas de autocuidados preventivos

(TRINDADE FF, *et al.*, 2019). Analogamente, a tendência nacional se manteve em Porto Velho - RO, posto que, de acordo com os casos totais, aproximadamente 77,51% (324) das notificações resultou de indivíduos do sexo masculino, enquanto verificou-se 22,49% (94) dos números de casos na população feminina.

Estudos apontam o gênero como uma característica sociodemográfica amplamente associada à vulnerabilidade ao HIV/AIDS, com concentração dos casos nas populações em condições socioeconômicas desfavoráveis (FONTES MB, *et al.*, 2017). No Brasil, em 2020, o sexo masculino apresentou taxas de detecção superiores às do sexo feminino para todas as faixas etárias (BRASIL, 2021). No mesmo período, em Porto Velho, o número de notificações de infecção em indivíduos do sexo masculino de 15 a 24 anos foi sete vezes maior do que em indivíduos do sexo feminino de mesma idade. Além disso, ao longo de todo o período analisado, houve prevalência majoritária de notificações entre a população masculina, com exceção, apenas, do ano de 2011. Ademais, constatou-se que, em 2011, foram realizadas 9 notificações para o sexo masculino e 10 para o feminino, apresentando cerca de 47,37% e 52,63% dos casos, respectivamente. Além disso, 2018 foi o ano que apresentou a maior diferença proporcional entre os sexos para o público jovem, uma vez que o sexo masculino representou 97,37% (37 casos) das notificações totais, contrastando com apenas 2,63% (1 caso) para a população feminina (**Gráfico 2**).

A prevalência expressiva da infecção no público masculino, bem como a maior mortalidade para esse segmento, tem causas multifatoriais e comportamentais, sobretudo a pouca conscientização acerca das formas de prevenção e a percepção distorcida de invulnerabilidade sobre o contágio. Com isso, os homens vêm apresentando tendência à negligência do autocuidado e, como consequência, tem-se o aumento da exposição ao vírus (TRINDADE FF, *et al.*, 2019). Em relação aos adolescentes, comportamentos de risco, como abandono ao uso de preservativo, consumo de drogas lícitas e ilícitas, atividade sexual precoce e múltiplas parcerias sexuais, são predisponentes às infecções. Soma-se a isso, as condições econômicas, as relações sociais e a busca por descobertas, comuns à idade, que influenciam na vulnerabilidade ao HIV/AIDS (BOSSONARIO PA, *et al.*, 2022; COSTA MIF, *et al.*, 2020).

Figura 1 – Distribuição dos casos de HIV/AIDS de acordo com sexo, entre os anos de 2010 e 2022, no município de Porto Velho.



Fonte: Costa RP, *et al.*, 2024; dados extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), 2024.

A variável escolaridade constitui uma característica sociodemográfica determinante na vulnerabilidade à infecção, posto que se associa à desigualdade social e cultural, o que confirma a concentração nacional da epidemia entre a população em condições socioeconômicas desfavoráveis. Em linhas gerais, percebe-se que a epidemia de HIV é influenciada significativamente pelo baixo acesso e/ou adesão aos serviços de saúde

atrelados à pobreza da população, dada a importância dos determinantes sociais no processo saúde-doença. Nesse sentido, os marcadores de diferença funcionam como um instrumento de análise da transmissibilidade e abrangência da assistência em saúde, considerando a tendência nacional de pauperização da doença associada à quantidade de anos de estudo dos indivíduos (DANTAS CC, *et al.*, 2017). Na realidade de Porto Velho, verificou-se que, dentre as 388 notificações em que a escolaridade foi incluída, indivíduos com ensino médio completo apresentaram as maiores taxas de notificações para a faixa etária analisada (129 casos), seguidos de indivíduos que cursaram da 5ª à 8ª série incompleta (70 casos). Em contrapartida, o menor índice de notificação foi proveniente da população analfabeta (1 caso), enquanto pessoas com ensino superior completo representaram aproximadamente 4,38% (17 casos) do total de casos notificados para a população-alvo, percentual semelhante aos que cursaram da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.

Assim, ainda que os adolescentes e adultos jovens brasileiros possuam determinado nível de conhecimento sobre as formas de prevenção, as taxas de infecção permanecem em crescimento para a faixa etária. Nessa perspectiva, baixos níveis de escolaridade, atrelados às condições socioeconômicas, configuram-se como obstáculos ao acesso integral aos serviços de saúde e atrasos no rastreamento da infecção, o que resulta na perpetuação de informações equivocadas acerca das práticas sexuais e da utilização irregular de insumos para a prevenção, como relações sexuais sem proteção e uso incorreto de preservativos (GONÇALVES LFR, *et al.*, 2021). Outrossim, o conhecimento insuficiente sobre formas de transmissão, medidas de prevenção e tratamento tem influência na diminuição da procura por testagem rápida de HIV e por profilaxias pré-exposição (PrEP) e pós-exposição (PEP) (MESQUITA JS, *et al.*, 2017).

Na relação gênero-escolaridade, a população masculina apresenta nível de escolaridade maior se comparada à feminina. Segundo o Ministério da Saúde, em 2020, a proporção de casos entre indivíduos do sexo masculino que tinham cursado até o ensino médio completo foi de 41,1%, enquanto a proporção foi de 26,5% para o mesmo grau de escolaridade entre as mulheres (BRASIL, 2021). Em Porto Velho, foi observado que, para indivíduos de 15 a 24 anos que concluíram o ensino médio, os homens representaram a maioria dos casos, com 106 notificações, enquanto houveram 23 notificações para as mulheres (**Tabela 1**).

Tabela 1 – Distribuição dos casos de HIV/AIDS por sexo e escolaridade, entre os anos de 2010 e 2022, no município de Porto Velho – RO.

Sexo	Masculino n (299)	(%) 100%	Feminino n (89)	(%) 100%
Escolaridade				
Analfabeto	1	0,33	-	-
1ª à 4ª série incompleta	10	3,33	7	7,86
4ª série completa	8	2,67	5	5,61
5ª à 8ª série incompleta	44	14,71	26	29,21
Fundamental completo	16	5,31	5	5,61
Médio incompleto	41	13,71	18	20,22
Médio completo	106	35,45	23	25,84
Superior incompleto	57	19,06	4	4,49
Superior completo	16	5,31	1	1,12

Fonte: Costa RP, *et al.*, 2024; dados extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), 2024.

Quando considerada a escolaridade da população-alvo, constatou-se, que a menor prevalência da infecção foi observada entre indivíduos analfabetos para ambos os sexos, com 1 notificação para os homens e nenhuma notificação registrada para as mulheres. Em contrapartida, a maior prevalência de casos entre os homens ocorreu com aqueles que tinham concluído pelo menos o ensino médio (106 notificações), ao passo que entre as mulheres a maior prevalência foi registrada entre as pertencentes à categoria da 5ª à 8ª série incompleta (26 notificações). Isso reflete a associação dos fenômenos de feminização e pauperização da epidemia, posto que relações de poder e desigualdade entre homens e mulheres culminam em práticas e atitudes que aumentam o risco de transmissão (CAMPANY LNS, *et al.*, 2021).

Vale ressaltar que o baixo nível de instrução formal entre a população feminina associa-se à vulnerabilidade ao HIV/AIDS e representa a desigualdade socioeconômica e de gênero (VILLELA WV e BARBOSA RM, 2017). Assim, o estigma da submissão feminina apresenta-se como um desafio à prevenção, uma vez que a recusa ao uso do preservativo entre casais heterossexuais, por parte do parceiro sexual masculino engloba as relações de gênero. Nesse sentido, mulheres que mantêm relação de dependência financeira com seus parceiros, por temerem questionamentos acerca da fidelidade e consequente rompimento do relacionamento, evitam a exigência e negociação quanto à proteção nas relações sexuais. Além disso, também há risco de infecção entre mulheres que evitam o uso de preservativos em função da confiança em uma relação conjugal estável, da concepção equivocada do uso restrito à figura masculina e à ideia de desconforto e diminuição do prazer sexual (SOARES JP, *et al.*, 2017; CAMPANY LNS, *et al.*, 2021).

A prevalência de casos de HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens é pressuposto para um debate mais amplo acerca da temática entre este público-alvo. No tangente aos adolescentes, a educação em saúde deve ser entendida como importante ferramenta no desenvolvimento de concepções e superação de equívocos e estigmas. Observa-se que pais com maior poder aquisitivo tendem a ter diálogos mais frequentes sobre questões sexuais com seus filhos. Além disso, melhores condições socioeconômicas associam-se a mais anos de estudo por parte dos genitores e, conseqüentemente, maior acesso a informações seguras (KNAUTH DR e PILECCO FB, 2024). Em contrapartida, evidencia-se uma deficiência global sobre o ensino de educação sexual nas escolas, o que engloba uma multiplicidade de fatores, como questões socioculturais, políticas e religiosas. Diante disso, é fundamental que entidades de saúde articulem estratégias que envolvam o ambiente escolar e tratem o tema de forma transversal, envolvendo as diferentes disciplinas e competências na abordagem de infecções sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, formas de prevenção e tratamento, uso correto de insumos de prevenção e direitos sexuais e reprodutivos (FONTES MB, *et al.*, 2017).

Cabe à Atenção Primária à Saúde (APS), enquanto ordenadora do cuidado da Rede de Atenção à Saúde e principal porta de entrada dos usuários aos serviços do SUS, garantir atenção integral nos diferentes ciclos de vida. Para isso, é imprescindível o diálogo entre usuários e profissionais de saúde, envolvendo todos os níveis de prevenção à saúde, desde o acolhimento, testagem, diagnóstico, referência até a contrarreferência na rede de atenção à saúde (LIMA MCL, *et al.*, 2021; MELO EA, *et al.*, 2021). Ademais, é necessário que haja o fortalecimento de políticas públicas, com ênfase para a educação popular em saúde, que é essencial no empoderamento de jovens acerca da sua função promotora do autocuidado apoiado, no âmbito do SUS. Contudo, deve-se considerar o contexto social no qual os indivíduos estão inseridos, os meios de comunicação e linguagem adequados à faixa etária, o nível de letramento em saúde e as tecnologias de intervenção disponíveis. Dessa forma, a atenção integral e contínua permite que os adolescentes e adultos jovens tornem-se protagonistas na autopromoção de sua saúde, na gestão de risco de suas práticas sexuais e na garantia da sua qualidade de vida (SILVA MAS, *et al.*, 2022; KNAUTH DR e PILECCO FB, 2024).

Nessa perspectiva, destaca-se que a análise das características sociodemográficas e epidemiológicas de populações que vivem com HIV/AIDS favorece a proposição de estratégias e medidas de prevenção. Além disso, fortalece práticas de promoção à saúde, com a finalidade de diminuir as vulnerabilidades e estigmas associados a segmentos populacionais específicos (AMORIM PLF, *et al.*, 2019). Nesse sentido, o aumento dos casos da infecção entre jovens indica a necessidade de prevenção direcionada à faixa etária, levando em consideração os aspectos comportamentais, culturais e socioeconômicos. Além da distribuição de insumos de prevenção pelo SUS e medidas profiláticas, é importante que haja, também, direcionamento da população de jovens, por meio de práticas de educação em saúde contínuas e políticas públicas para a disseminação eficiente de informações científicas sobre HIV/AIDS (BRASIL, 2022; GARCIA EC, *et al.*, 2021).

CONCLUSÃO

Os casos de notificação de HIV/AIDS de Porto Velho – RO seguem a tendência nacional de juvenalização da epidemia. Constatou-se que as novas infecções são mais prevalentes em indivíduos do sexo masculino. Sabe-se que as características socioeconômicas constituem fatores de risco para a exposição ao vírus, sendo o nível de escolaridade uma variável associada à vulnerabilidade de parcelas populacionais. Ademais, a

compreensão da situação epidemiológica das populações-chave permite a proposição de políticas públicas de promoção, prevenção, tratamento e melhoria da qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV/AIDS. Nesse sentido, o aumento das taxas de infecção entre jovens exige medidas que assegurem, além da gratuidade de insumos de prevenção, a disseminação de informações por meio das práticas de educação em saúde, as quais são indispensáveis à participação plena desse segmento no acesso aos serviços de saúde e estratégias governamentais de prevenção, assim como na ruptura de estigmas associados à condição da doença.

REFERÊNCIAS

1. ADDISON MM, *et al.* HIV-1-Infected CD+ T Cells Present MHC Class II-Restricted Epitope via Endogenous Processing. *Journal of immunology*, 2022; 209 (5): 864-873.
2. AMORIM PJF, *et al.* Perfil sociodemográfico e a evolução clínica dos pacientes com síndrome da imunodeficiência humana. *Revista de Enfermagem da UFPE*, 2019; 13: 1-8.
3. ARAÚJO DAM, *et al.* Análise do perfil epidemiológico do número de casos de aids no Brasil nos últimos 10 anos. *Saúde Coletiva*, 2021; 11(65): 6054-6065.
4. BATISTA RM, *et al.* Prevalência de casos de HIV/AIDS nos últimos 10 anos no Brasil. *Research, Society and Development*, 2021; 10 (14): e336101422149-e336101422149.
5. BOSSONARIO PA, *et al.* Risk factors for HIV infection among adolescents and the youth: a systematic review. *Revista latino-americana de enfermagem*, 2022; 30: e3697.
6. BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS. 2023. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 ago. 2023.
7. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico de HIV/aids. Brasília, dez. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br>. Acesso em: 03 mai. 2023.
8. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico de HIV/aids. Brasília, dez. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br>. Acesso em: 22 jul. 2023.
9. CAMPANY LNS, *et al.* HIV/aids no Brasil: feminização da epidemia em análise. *Revista Bioética*, 2021; 29(2): 374-383.
10. COSTA FCA, *et al.* Perfil informacional de uma população jovem a respeito da AIDS e suas consequências. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 47: e3173.
11. COSTA MIF, *et al.* Adolescents in situations of poverty: resilience and vulnerabilities to sexually transmitted infections. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020; 73(4): e20190242.
12. DAMACENA GN, *et al.* Retrato do comportamento de risco dos conscritos do Exército brasileiro à infecção pelo HIV por macrorregiões brasileiras, 2016. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 2019; 22: e190009.
13. DANTAS CC, *et al.* Perfil epidemiológico dos pacientes com HIV atendidos em um Centro de Saúde da região litorânea do estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2010-2011. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, 2017; 46(1): 22-32, 2017.
14. DOURADO I, *et al.* Prevenção combinada do HIV para homens adolescentes que fazem sexo com homens e mulheres transexuais no Brasil: vulnerabilidades, acesso à saúde e expansão da PrEP. *Cadernos de Saúde Pública*, 2023; 39: e00228122.
15. FIALHO CB, *et al.* Perfil epidemiológico de adolescentes vivendo com HIV/AIDS no Espírito Santo, Brasil: um estudo transversal. *Journal of Human Growth and Development*, 2023; 33(1): 58-64.
16. FONTES MB, *et al.* Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2017; 22: 1343-1352.
17. GARCIA EC, *et al.* Representações sociais de adolescentes sobre a transmissão do HIV/AIDS nas relações sexuais: vulnerabilidades e riscos. *Escola Anna Nery*, 2021; 26: e20210083.
18. GONÇALES LFR, *et al.* Caracterização epidemiológica e clínica do HIV/Aids: associações com a mortalidade. *Revista eletrônica acervo saúde*, 2021; 13 (1): e5293-e5293.
19. KNAUTH DR e PILECCO FB. Aids e prevenção do HIV entre adolescentes e jovens em seis municípios brasileiros. *Saúde e Sociedade*, 2024; 33(1): e230789pt.
20. LEITE DS. A AIDS no Brasil: mudanças no perfil da epidemia e perspectivas. *Brazilian Journal of Development*, 2020; 6(8): 57382-57395.
21. LIMA MCL, *et al.* Percepção dos enfermeiros acerca do processo de descentralização do atendimento ao HIV/Aids: testagem rápida. *Escola Anna Nery*, 2021; 25: e20200428.
22. MELO EA, *et al.* Cuidado de pessoas vivendo com HIV na atenção primária à saúde: reconfigurações na rede de atenção à saúde?. *Cadernos de Saúde Pública*, 2021; 37(12): e00344120.

23. MESQUITA JS, *et al.* Fatores de risco e de proteção entre adolescentes em relação às DST/HIV/AIDS. *Revista de Enfermagem da UFPE*, 2017; 11(3): 1-7.
24. MONTEIRO APVB, *et al.* O aumento do HIV entre jovens e a aderência da profilaxia de pré-exposição (PrEP) como intervenção. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 2019; 2(5): 84-99.
25. PEREIRA GFM, *et al.* HIV/aids, hepatites virais e outras IST no Brasil: tendências epidemiológicas. *Revista brasileira de epidemiologia*, 2019; 22: e190001.
26. SILVA MAS, *et al.* Aspectos relacionados ao letramento em saúde, autocuidado e adesão ao tratamento de pessoas vivendo com HIV. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2022; 56: e20220120.
27. SOARES JP, *et al.* Prevalência e fatores de risco para o HIV/aids em populações vulneráveis: uma revisão integrativa de literatura. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, 2017; 46(4): 182-194.
28. SZWARCOWALD CL, *et al.* HIV incidence estimates by sex and age group in the population aged 15 years or over, Brazil, 1986-2018. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 2022; 55: e0231-2021.
29. TRINDADE FF, *et al.* Perfil epidemiológico e análise de tendência de HIV/AIDS. *Journal Health NPEPS*, 2019; 4 (1): 153-165. Risk factors for HIV infection among adolescents and the youth: a systematic review.
30. UNAIDS, Joint United Nations Programme on HIV/AIDS. Young people and HIV. Geneva (Switzerland): UNAIDS, 2021. Disponível em: <https://www.unaids.org/en/resources/documents/2021/young-people-and-hiv>. Acesso em: 16 jul. 2023.
31. VIEIRA GN, *et al.* O HIV/AIDS entre os jovens no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Health and Biosciences*, 2021; 2(1): 16-30.
32. VILLELA WV e BARBOSA RM. Trajetórias de mulheres vivendo com HIV/aids no Brasil. Avanços e permanências da resposta à epidemia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2017; 22: 87-96.